

fora do baralho
série vancouver storm | livro 5
stephanie archer

Tradução de Sílvia Fernandes

Para os meus leitores, que mudaram a minha vida.

Capítulo 1

Jordan

Está uma tarde calma no *Filthy Flamingo*. O meu bar normalmente não fica movimentado antes do serão, e hoje é noite de jogo, por isso a equipa de hóquei dos Vancouver Storm vai encher a casa com a sua energia ruidosa e amigável. Por agora, estou só eu e o cozinheiro, mas ele está escondido na pequena cozinha, a preparar-se para esta noite.

As luzes cintilantes espalhadas pelo teto dão um brilho acolhedor ao bar escuro e sem janelas. Quando me movimento por trás do balcão, o velho chão de madeira range. Tenho a música alta — *rock* dos anos setenta, o favorito da minha falecida mãe.

Estou em paz; estar assim sozinha é o meu espaço seguro. Ao balcão, onde pertença. O meu olhar desliza até à parede com *Polaroids* coladas, atrás do balcão, imagens dos jogadores e das suas companheiras, sorrindo, rindo, divertindo-se no bar a que se habituaram a vir depois dos jogos. O meu coração dá um pulo estranho, mas antes de conseguir divagar sobre isso, a porta abre-se.

O treinador principal dos Vancouver Storm entra, e o meu bom humor rebenta como um balão.

— Boa tarde, Jordan.

Senta-se num banco ao balcão mesmo à minha frente e eu mantenho firmemente o meu melhor ar desinteressado.

Tate Ward — um dos maiores jogadores de hóquei de todos os tempos, forçado a reformar-se quando uma lesão no joelho acabou com a sua carreira há mais de uma década. Adorado treinador principal dos Vancouver Storm.

A minha melhor amiga, Georgia, diz que ele tem uma filha com nove anos de idade, mas ele mantém-na longe dos *media*, e obviamente nunca esteve no meu bar.

Hoje ele traz vestida uma camisa enfiada por dentro das calças de ganga justas que realçam as suas ancas estreitas, e os meus olhos reparam na forma dos seus músculos. O tecido esticado sobre os seus ombros largos.

Um estilo de Pai Desejável, era o que a Georgia chamaria a esta vestimenta.

— Uau — digo, arrastadamente, olhando-o nos olhos apesar do frioziinho nervoso na barriga. — O grande Tate Ward veio fazer-me a visita mensal.

— Também é bom ver-te. — O seu tom educado faz o meu sangue ferver, mas há um tom de sarcasmo implícito nas palavras dele, quase indetetável, que me dá um aperto no peito.

O Tate Ward não quer estar aqui, tão-pouco, mas está a fazer um favor ao meu pai, o dono dos Storm e mentor do Tate desde há muitos anos, e vem ver como é que eu estou. Jamais o admitirá, mas não me suporta.

Podia pô-lo na rua. O bar é meu e quem estabelece as regras sou eu. Este pequenino edifício é o meu pequeno reino, e algo me diz que ele iria obedecer. É um incurável cumpridor de regras. Infalivelmente *bom*, tão responsável, ético, amável, paciente e verdadeiro. Como Jesus. Ou o Dalai Lama. Só que extremamente atraente.

Mais de uma década depois de ele ter deixado a NHL, ainda está mais em forma do que a maioria dos rapazes da equipa, com ombros largos e musculados, cintura estreita, e antebraços que me fazem perder a linha de pensamento. O rosto? De modelo. O meu estômago afunda-se com o verde intenso e rico dos seus olhos. O cabelo espesso e escuro com fios de prata nas têmporas. As rugas no canto dos olhos de sorrir para todos menos para mim. Nariz forte, mas lábios suaves. Barba por fazer ao longo dos maxilares.

O seu olhar ergue-se para a placa com as especialidades da casa.

— Vou querer a sandes *club* e uma água gaseificada com lima. Obrigado.

Sem uma palavra, saio para encaminhar o pedido, regressando minutos depois com algo escondido atrás das costas.

— Estava a pensar — começo, e ele levanta os olhos do telemóvel. — Podes dar-me um autógrafo?

Ele estuda-me, com um brilho nos olhos.

— *Tu* queres o meu autógrafo?

— Mhm. — Mantenho a minha expressão neutra e desapegada, e não me permito sorrir com ironia.

Os seus olhos estreitam-se ligeiramente mas há uma inclinação irritante nos lábios dele.

— Claro. Adorava assinar algo para ti, Jordan.

— Ótimo. — Passo-lhe uma caneta antes de lhe pôr à frente o rolo de papel higiénico e o desenrolar sobre o balcão. — Aqui mesmo.

Ele olha por um momento, antes de fechar os olhos e respirar profundamente, para se acalmar. Uma onda de satisfação percorre-me.

Este é o nosso jogo. Espicaço-o de todas as maneiras e ele não cede nem um centímetro. Não mostra um grama de frustração ou de aborrecimento ou de impaciência.

O Tate Ward é tão controlado. Nem que fosse só por uma vez, adoraria vê-lo quebrar.

— Vou guardá-lo na casa de banho dos homens — digo-lhe.

Os seus olhos abrem-se e ele está mesmo a sorrir.

— Para que as pessoas o possam usar para limpar o rabo — acrescento, quando ele deixa cair a cabeça. Vê-lo contorcer-se enche-me o coração de alegria.

— Sim. — Acena com a cabeça. — Eu percebi, Jordan.

Ele mantém aquela expressão irritantemente inalterada, com os olhos a brilharem divertidos. O Tate Ward é tão charmoso que me deixa enjoada.

— Às vezes — digo-lhe —, apetece-me mesmo dar-te um murro na cara.

As sobrancelhas dele levantam-se com uma ligeira surpresa, como se lhe tivesse dito que apanhei uma multa de estacionamento.

— Achas que conseguias chegar cá?

Fico boquiaberta.

— Isso foi uma piada por eu ser baixinha?

— Não foi uma piada.

O impulso indesejável de me rir esgueira-se pela minha garganta e eu cerro os lábios para não ceder ao jogo infantil que estamos a jogar. Ele não tem graça.

— Tenho um metro e sessenta e dois. Não sou baixa.

No entanto ele tem pelo menos mais trinta centímetros do que eu. *Conseguiria* eu realmente alcançá-lo? Claro que conseguiria... oh. Ele sorri como quem sabe que me apanhou.

— Pareces tensa hoje, Jordan.

— Não estou tensa. — Estou tão tensa, agora que ele está aqui. — Estou ótima.

Os seus olhos estreitam-se, com aquele maldito sorriso estúpido na sua cara de parvo.

— Hmm.

— Estou mesmo.

Soo defensiva. A minha cara está a ficar vermelha, por isso murmuro algo acerca de ir ver como está o pedido dele e dou meia-volta em direção à cozinha.

— *Contudo, não se deixem enganar pelo charme estonteante do Tate Ward* — leio em voz alta, de um artigo sobre ele numa revista, enquanto ele come a sua sandes. Comprei-a há semanas e mantive-a guardada debaixo do balcão exatamente com este propósito. — *Este pai solteiro é o homem mais respeitado do hóquei profissional, adorado pelos jogadores, adeptos e colegas treinadores. Até os pais na escola da filha o elogiam, presenteando este entrevistador com histórias do seu envolvimento em eventos da escola, e a sua generosidade em tempo, dinheiro e atenção.* — Ponho um dedo no ar. — Dá-me licença.

Viro-me de costas e finjo engasgar-me, com um som de vômito, antes de me virar novamente para ele e limpar educadamente a boca.

— Lês normalmente em voz alta — pergunta — ou é um mimo especial para mim?

— *Durante a hora que passei com o solteirão mais pretendido* — prossigo, ignorando-o —, *todos os louvores e elogios foram educadamente devolvidos com uma subtil mudança de conversa para as obras de solidariedade nas quais o treinador Ward está envolvido.* Uau. — Ergo os olhos para ele. Está a esfregar a ponte do nariz como faz quando já está a ficar um bocado farto de mim, e o meu coração canta. — Tão honroso da tua parte.

Volto à capa da revista e finjo admirar a bonita fotografia dele, sentado num banco com uma *t-shirt* e *jeans*, parecendo um modelo.

— E que foto de capa tão *favorecedora*.

Ele solta o suspiro mais silencioso do mundo, olhando em redor.

— Admite. — Estreito os olhos para ele com um olhar conspirador. — Esta foi a primeira fotografia que tiraram, não foi? Conseguieste à primeira.

— Podes tirar a conta, por favor?

— Podes acabar com isto — digo-lhe, imprimindo a conta e deixando-a em cima do balcão à frente dele. — Para de vir ao meu bar e para de vir ver como estou. Já passaram, o quê? Três anos?

Desde que ele começou nos Storm.

— Três anos e meio. — Os seus olhos cruzam-se com os meus e sinto o estômago afundar-se. — Fala com o teu pai — diz simplesmente.

De chorar a rir. Há tanta hipótese de isso acontecer como a de encontrar um cubo de gelo no Inferno. O Ross Sheridan acabou para mim há dez anos, no dia em que faltou ao funeral da minha mãe.

— Talvez o faça. — Não o farei. — Talvez entre pelo escritório dele, lhe dê um grande abraço e me junte à organização dos Storm para que um dia ele mos entregue. — Rio sarcasticamente. — Talvez os possamos dirigir juntos, nós os dois. Não seria divertido?

Do fundo do coração, ainda me magoa brincar com isto. Sei que esse mundo não é para mim. Mas ainda assim, magoa.

O Tate não se ri, no entanto. Nem sequer sorri.

— Espero que vás visitar o teu pai, Jordan — tira a carteira do bolso e retira algumas notas —, porque eu tenho coisas melhores para fazer do que tomar conta de ti.

Os seus olhos brilham de forma cortante, e um sentimento de vitória emerge em mim. Apanhei-o. Consegui. Consegui esgotar a infinita paciência do Tate Ward.

Ele põe-se de pé, enfia o casaco, e eu franzo o sobrolho para as notas que ele deixou em cima do talão. É demasiado dinheiro.

— Não é suposto dares gorjeta à dona. — Ele sabe. Digo-lhe de todas as vezes.

— Erro meu — diz por cima do ombro, a caminho da porta. — Esqueci-me. Ele fá-lo para me chatear.

— Deves estar a ficar esquecido com a idade — digo atrás dele.

De costas para mim, ri-se, em tom baixo e seco, um som que vai direito para aquele ponto entre a minha barriga e os meus pulmões. A piada não funciona, pois o Ward faz com que os seus quarenta anos sejam realmente fabulosos, e ele tem consciência disso.

— Tem um excelente resto de dia, Jordan.

A porta abre-se e fecha-se, e fico novamente sozinha.

Olho para o recibo e amarroto-o numa pequena bola de raiva. Deu uma gorjeta de cem por cento.

Mais uma vez.

Capítulo 2

Tate

— **B**oa noite a todos. No balneário do nosso recinto, minutos antes do início do jogo, os Vancouver Storm ficam em silêncio. Os jogadores vestem os seus uniformes, aquecidos e prontos para jogar, e eu estou à frente deles de fato.

— Ganhamos este e ficamos no topo da divisão.

A antecipação brilha nos olhos deles. O capitão, o avançado recordista Rory Miller, e o defesa direito Hayden Owens trocam um sorriso.

Os jogadores profissionais de hóquei são todos iguais. Somos competitivos como o diabo, e adoramos ganhar.

— Tenho um desafio para vocês esta noite — digo-lhes. — Abrandem as jogadas. Quando chegarem ao disco, aguentem-no. Será que a outra equipa consegue prever a jogada? Para onde é que o guarda-redes está a olhar? Onde estão os vossos parceiros?

— Será este o momento para corrermos riscos? — pergunta o Miller, passando a mão pelo seu cabelo louro-escuro. — Porque não experimentar isso com uma equipa mais fácil?

O Alexei Volkov, defesa principal veterano que se retirou na época passada e passou a ser o meu treinador-adjunto, fez-me a mesma pergunta esta tarde. É uma pergunta justa, e mostra que o Miller está a pensar com estratégia, como um capitão deve fazer.

— Estamos em segundo lugar na divisão — digo à equipa. — Temos três meses até às finais. Estou a desafiar-vos porque sei que o conseguem fazer, e porque a vitória terá muito mais sabor se tivermos de trabalhar para ela. Se não correr bem, temos tempo para recuperar.

— Agora é uma boa altura para arriscar se isso significar um desenvolvimento mais forte — acrescenta o Volkov.

— Exatamente. — Olho para o Miller. — Tu és o capitão, Miller. Se não achares que hoje é uma boa noite para tentar, não o faremos. Somos uma equipa. Todos têm de estar de acordo.

O Miller repensa, e a sua boca esboça aquele sorriso malandro que é a sua marca registada.

— Vamos a isso.

— Boa. *Okay* — digo para o resto da equipa —, vamos embora, fazer o que adoramos.

Essa é a grande motivação — adoramos este desporto, adoramos os colegas de equipa como família, e amamos a forma como os nossos corações aceleram quando o disco entra na baliza. Adoramos o rugir da multidão e as luzes a brilhar, e a forma como os adeptos batem no vidro com entusiasmo, celebrando o golo connosco.

Adoramos ganhar, mas *amamos* o desafio.

Não importa que uma lesão me tenha empurrado para a reforma. Não importa que eu vista um fato em vez de uma camisola. Serei sempre um jogador de hóquei.

A música de abertura ouve-se no recinto, as luzes apagam-se e a multidão aplaude à medida que os jogadores entram no rinque. Eu e o Volkov subimos para a bancada e eu observo a multidão atrás de nós.

Duas filas acima, a menina de nove anos mais fofa, mais engraçada e mais querida acena com entusiasmo. Vejo o espaço deixado pelo dente que caiu na semana passada.

Sorrio para a Bea, a minha filha. De cada lado dela, a mãe, Holly, e o marido dela, Jeff, acenam-me. A Bea põe-se de pé e vira-se para me mostrar o nome nas costas da sua camisola da equipa.

WARD.

O meu sorriso estende-se de orelha a orelha, ao sentir o amor e carinho pela minha filha a expandir-se dentro de mim. Ela veste sempre a camisola com o meu nome, nos jogos.

A Beatrice Huntington-Ward é o mundo para mim.

Ao meu lado, o olhar do Volkov segue o meu antes de se virar novamente para o gelo, onde os rapazes fazem as últimas voltas de aquecimento antes do hino.

— Gira — admite ele, a contragosto. Até mesmo um tipo rabugento e áspero como o Volkov não fica imune ao encanto da Bea.

— A mais gira de todas.

Algo na forma como a sua expressão se suaviza faz-me erguer as sobran-celhas para ele numa pergunta silenciosa.

— Para já, não. — Olha de relance para a sua mulher atrás da baliza, vestida com a sua antiga camisola, e um olhar afetuoso surge-lhe nas feições rudes. — Mas talvez um dia.

O Volkov e a mulher, a doutora Georgia Greene, não se suportavam, mesmo depois de se terem casado repentinamente no início da temporada passada. Eu sempre tive um pressentimento sobre eles, porém. Talvez fosse a maneira como ele olhava para os sapatos dela, ou por ela ter pedido para o transferir para outro médico porque não conseguia ser imparcial.

A minha mente divaga para a melhor amiga da doutora Greene, uma proprietária de um bar sisuda e com mau feitio. Hoje, o seu cabelo escuro estava apanhado num rabo de cavalo, balançando enquanto andava pelo bar. Penso nas suas mãos delicadas, ágeis e confiantes quando mistura as bebidas. Penso na cor dos seus olhos. O tom de azul mais interessante de todos. Um círculo violeta em redor da íris.

— A sala ao lado do meu gabinete pode ser convertida num quarto de bebé — diz o Volkov, e eu forço os pensamentos inconvenientes sobre uma mulher implacável e sem coração a saírem da minha cabeça.

— Volkov, casaste-te e tornaste-te extremamente sentimental. — Ele faz-me um olhar frio e nada satisfeito, e eu rio-me. — Fico feliz por ambos, no entanto. No dia em que soube que a Bea ia chegar, descobri um novo propósito.

O Volkov resmunga, cruzando os braços sobre o peito, mas a sua expressão fica um pouco mais suave do que antes.

Depois do hino, começa o jogo. O Miller e o Owens aproximam-se da baliza da outra equipa, passando o disco de um lado para o outro. Os adeptos entusiasmam-se.

— Vamos lá — murmura o Volkov entre dentes à medida que a energia no recinto sobe.

O Miller está prestes a rematar, mas faz uma pausa. O guarda-redes da outra equipa está pronto — mas também o Luca Walker, um defesa mais novo. O Miller passa o disco, o Walker atira-o em direção à rede, e o disco desliza para lá do guarda-redes.

O recinto eclode com ruído. A corneta de golo ressoa, as luzes piscam, e

os jogadores que estão no gelo celebram, ao mesmo tempo que os rapazes na bancada se põem de pé de um salto, levantando os braços e dando palmadas nas costas uns dos outros. O Walker e o Miller passam à nossa frente, batendo luvas com os colegas de equipa, enquanto eu e o Volkov aplaudimos.

O olhar do Volkov ergue-se para o cronómetro com um ar irónico.

— Aos trinta e dois segundos de jogo.

— É assim mesmo. — Orgulho explode no meu peito, quente e intenso.

— Grande jogo esta noite — digo mais tarde à equipa no balneário. — Não só dos rapazes que metem pontos na tabela. De todos vocês. Vi algumas grandes jogadas. Vi que aceitaram o meu desafio. Belo trabalho. Estou orgulhoso de todos.

Dirijo-me para a porta, mas o Miller chama-me.

— Treinador, vamos ao bar para comemorar. — Sobe as sobrancelhas. — Junta-te a nós.

Os bonitos olhos azul-escuros da Jordan vêm à minha mente, e penso na maneira confiante e experiente com que as mãos dela se movem pelo bar, misturando bebidas e arrumando o balcão. O seu verniz de unhas é sempre em tons escuros — vermelho-escuro, verde-floresta, azul-escuro, preto. Aposto que as mãos dela são macias.

Mas já me sujeitei a ela o suficiente, para um só dia. Durante mais algumas semanas, o meu compromisso para com o Ross Sheridan está tratado.

— Obrigado pelo convite, mas esta noite não. — Inclino o queixo para o teto. — Preciso de falar com o Ross por uns minutos.

Além disso, a equipa não precisa do treinador no meio deles quando comemoram.

Eu e o Miller despedimo-nos e eu dirijo-me ao andar de cima do recinto, para o escritório do Ross. Quando chego, o dono da equipa está de pé, à janela, olhando para o rinque. Há duas fotografias na parede ao lado dele, uma de quando era jogador dos Storm, segurando a Taça Stanley acima da cabeça enquanto os colegas de equipa celebravam em volta dele. A outra é de nós os dois, anos mais tarde, quando ele treinou a equipa, comigo a segurar na taça e ele a sorrir.

— Olá, Ross.

Ele vira-se, desvanecendo-se do seu rosto um sobrolho franzido enquanto se dirige à secretária.

— Tate. Obrigado por vires. Sei que é tarde.

Sento-me numa das cadeiras em frente à sua secretária.

— Tudo bem.

Não vou conseguir adormecer nas próximas horas, de qualquer forma. Nunca consigo.

Ele recosta-se na cadeira, os olhos na foto emoldurada que está sobre a sua secretária. Está virada de costas para mim, mas consigo vê-la com os olhos da minha mente — a sua falecida mulher e a filha que não lhe dá uma oportunidade. A Jordan tem cerca de dezoito anos na foto.

Gostava de saber o que aconteceu entre eles. O Ross nunca tomou iniciativa para me contar, e a Jordan preferiria morrer antes de me confidenciar alguma coisa, e nunca senti que me devesse intrometer.

Mas, Jesus, quero saber. O Ross é como o pai que nunca tive. Mata-me ver a sua filha rude tratá-lo assim.

— Como está a minha menina? — pergunta.

— Bem. Ótima. O costume.

Ele murmura algo, olhando através das outras janelas, as que têm vista para Vancouver, animada com luzes, trânsito e pessoas que saem para celebrar a nossa vitória.

— Parece feliz?

— Suficientemente feliz.

Alguma vez vi a Jordan Hathaway sorrir? Está sempre tão séria, a misturar bebidas atrás do balcão e a fazer olhares pouco impressionados quando o Luca Walker tenta namoriscar com ela.

— Ela tem alguém?

Algo se revira nas minhas entranhas. Há uns anos, um tipo andava atrás dela pelo bar como um cachorrinho e cantava canções discretamente dirigidas a ela, e ela mal reparava nele. Estariam juntos? Não o vejo há algum tempo.

Como é que seria, namorar com a Jordan Hathaway? Ela pode ser deslumbrante, mas é tão resguardada e fria. Seria como namorar com uma pintura num museu.

Não que eu saiba como é que é namorar. Já passaram alguns anos.

— Não gostas dela, pois não? — pergunta o Ross com um sorrisinho, interrompendo os meus pensamentos.

Aclaro a garganta.

— O que é que te leva a pensar isso?

— Estás desconfortável.

Respiro profundamente. Não há muitas pessoas que digam a verdade ao Ross, mas eu sei que ele confia que eu seja honesto para com ele.

— Ross, ela é... — Abano a cabeça, procurando as palavras certas. A Jordan Hathaway é um livro fechado. Normalmente consigo ler as pessoas, mas ela não me dá nenhuma pista. — Passou uma década e ela ainda não quer relacionar-se contigo. Tem trinta anos. Ela não precisa que verifiques que está bem.

Ele olha para baixo, com dor no rosto, e detesto dizer-lhe assim a dura verdade. Engulo em seco. O Ross Sheridan foi o melhor treinador que alguma vez tive. Fez de mim o melhor jogador que eu poderia ser. Quando a minha vida se desmoronou depois da minha lesão, e eu estava afundado em alcoolismo e depressão, e descobri que ia ter uma filha, ele arrastou-me para a reabilitação. Depois, o Ross arranjou-me um emprego a treinar no hóquei feminino na UBC.

Ele é a razão pela qual sou o treinador e o pai que sou hoje. E é por isso que lhe devo a verdade.

— Está na altura de abrires mão dela e seguires em frente — digo tão suavemente quanto consigo.

Era o que eu gostaria que me tivessem dito.

Solta uma curta gargalhada.

— *Tu estás a dizer-me para seguir em frente?*

— Eu sei. — É a minha maior fraqueza, que uma vez que eu veja o potencial em alguém, não consiga desistir dessa pessoa, e já me dei mal mais do que uma vez. — No entanto, algumas pessoas estão emocionalmente indisponíveis.

Podemos ter esperança e desejar que alguém volte, mas às vezes nunca voltam. Vejam o meu próprio pai. Pessoas emocionalmente indisponíveis vão sempre abandonar-nos.

— Tens razão — diz o Ross suavemente. — Está na altura de seguir em frente, e foi por isso que te chamei aqui hoje. — Os olhos dele encontram os meus, sérios e tristes. — Tate, vou vender a equipa.

O meu coração cai. Passam segundos, e estou sem fala.

— O quê? — Abano a cabeça, confuso. — Não. — Esta equipa é o trabalho de toda a vida dele. Foi jogador, treinador, e é agora o dono. — Tu amas esta equipa.

— Amo, mas não posso ser dono da equipa para sempre, e a Jordan não está... — Interrompe-se. — Está na altura de seguir em frente.

A Jordan não está interessada em assumi-la, ia ele dizer.

Quando comprou os Vancouver Storm, confessou há anos, era um sonho seu que a filha viesse trabalhar com ele e, eventualmente, se tornasse dona da equipa.

Como se isso fosse acontecer. Lembro-me dela na cerimónia de renovação de votos do Volkov, em setembro. O Ross cumprimentou-a, e ela foi-se embora. Nem sequer lhe fala.

E agora ele desiste.

— Encontrarei a pessoa certa — acrescenta. — Alguém que zele pelos melhores interesses da equipa.

Isto não me faz ficar mais descansado. Estes bilionários têm ego, e gostam de deixar a sua marca em toda a organização. Têm as suas próprias pessoas, os seus próprios treinadores, pessoal, analistas, olheiros. Têm os seus jogadores favoritos. Todos terão os empregos em risco.

Um novo dono vai despedaçar esta equipa.

Sinto um sabor amargo na boca.

— Um novo dono pode arruinar tudo aquilo para o qual nós trabalhamos arduamente.

Não é só *nós*, no sentido de ele e eu. É *nós*, a equipa. Jogadores como o Jamie Streicher, que poderia ter ido para qualquer lado, mas assumiu um risco e um corte no salário ao vir para os Vancouver. A equipa odiava o Rory Miller quando ele chegou, mas ele tornou-se o capitão e líder de que eles precisavam. O Hayden Owens que mudou de posição de defesa para avançado e se tornou na estrela que eu sabia que ele podia ser. O Alexei Volkov que encontrou um novo propósito como meu treinador-adjunto depois de se reformar da NHL.

— Não são só os rapazes. — Uma sensação desconfortável espalha-se nas minhas entranhas à medida que me apercebo do impacto total disto. — Temos uma robusta equipa de pessoas incríveis do pessoal de apoio. Fisioterapeutas. Analistas. Pessoal médico.

Apercebo-me claramente de algo — se o novo proprietário me despedir, vou precisar de treinar uma equipa de nível mais baixo, ou, se quiser continuar na NHL, terei de me mudar.

Afastar-me da Bea não é uma opção. Não vai acontecer.

Não preciso de trabalhar. Tendo sido um dos jogadores mais bem pagos da NHL, e agora o treinador mais bem pago, estou descansado. Contudo, não é uma questão de dinheiro. É o propósito.

Treinar e ser pai são os meus propósitos.

Ele lança-me um último olhar triste.

— Nada é para sempre, Tate.

Nada disto faz sentido. O Ross Sheridan é devotado aos Storm. Nunca destruiria as vidas de outros a menos que tivesse mesmo de o fazer.

Algo que eu ensino aos meus rapazes, porém, é que o jogo não acaba enquanto não se ouve o apito final. É isso que é bonito no hóquei — as coisas podem mudar de um instante para o outro. No último momento.

Há demasiado em jogo para eu desistir.

— O que é que posso fazer para mudares de ideias? — pergunto, e ele abana a cabeça com uma expressão resignada.

— Nada. Lamento, Tate.

A parte de mim que me transformou num grande jogador de hóquei, aquela que não me deixa desistir, vem à tona. A conversa acabou por hoje, mas vou pensar numa solução.

Desejo uma boa noite e dirijo-me para a porta.

— E Tate?

Detenho-me à porta, olhando para o Ross por cima do ombro.

— Deixa que seja eu a dizer à Jordan, está bem?

Capítulo 3

Jordan

— **A**tenção a todos. — O Rory Miller levanta o copo e o *Filthy Flamingo* fica em silêncio. — A partir de hoje, os Vancouver Storm estão em primeiro lugar na Divisão do Pacífico da NHL.

Uma rodada de brindes eleva-se no bar, e até eu sorrio por detrás do balcão. O Rory põe o braço em volta da sua nova esposa, Hazel, fisioterapeuta dos Storm e proprietária de um ginásio *body-inclusive*.

— Tenho orgulho em ser o vosso capitão. Esta época, a Taça Stanley é nossa — diz com o copo levantado, e todos brindam.

Todos voltam às suas conversas e eu volto à mistura de bebidas, meio a ouvir as conversas.

A Georgia senta-se ao balcão e faz-me um largo sorriso, com o seu cabelo ruivo rebelde reluzindo à luz ténue.

— Como está a ser a tua noite?

— Ótima. E a tua?

— Fantástica. — Os seus olhos desviam-se para o marido, à conversa com os rapazes, e eu sei que ela está grata por o Alexei já não jogar.

Costumava magoar-se. Muito. Ela ficava muito angustiada.

Ele conversa com a analista Darcy Andersen e com o noivo dela, Hayden Owens. Porém, os olhos do Alexei estão na sua mulher.

Um segundo, diz-lhe ela com os lábios, e o queixo dele baixa num aceno de cabeça, com uma expressão séria, mas afetuosa.

— Como está o apartamento? — pergunta. — Tenho saudades daquele sítio.

Faço-lhe um olhar irónico.

— Não tens nada.

O apartamento que partilhávamos é velho e nojento. Praticamente a cair aos bocados. A única razão pela qual ainda lá estou é porque é incrivelmente barato e a apenas alguns quarteirões do bar.

O nariz dela enruga-se.

— Não, não tenho, mas tenho saudades de viver contigo.

Antes de ter casado com o seu inimigo mais odiado para que ele obtivesse a cidadania, e ela recebesse a sua herança — não falamos sobre isso, estão apaixonados *agora* e isso é que interessa —, eu e a Georgia partilhávamos o apartamento. Desde a universidade, na verdade. Desde que a minha mãe faleceu repentinamente, e o meu pai me abandonou quando eu mais precisava dele, e a Georgia reparou no meu rabo de vinte anos profundamente sozinho, e basicamente me adotou.

— Provavelmente devias aparecer por lá em breve, no entanto — digo-lhe. — O Garth está a despejar pessoas a torto e a direito, para fazer remodelações, e tu ainda estás no contrato.

À medida que os preços das rendas aumentam em Vancouver, senhorios gananciosos arranjam forma de se verem livres dos inquilinos, renovam os apartamentos e depois aumentam o valor da renda para o triplo. Assinámos o contrato original há uma década, por isso o Garth está com *muita* vontade de aumentar a renda.

Ela faz um som de repulsa.

— O Garth é o pior.

— O pior. — Volto à preparação das bebidas e ela encaixa o queixo na palma da mão, com os olhos a observar o grupo de pessoas felizes no bar. — É bom ter todos aqui, não é?

O meu coração aperta, e murmuro em concordância.

Momentos como este, com todos a desfrutarem, conversando e rindo. O Hayden e o Luca na brincadeira enquanto o Alexei lhes diz para pararem.

A cantora e compositora premiada com um Grammy, Pippa Hartley, sentada num sofá praticamente encaixada pelo seu marido guarda-redes, Jamie, o alvo de muitas das suas canções lamechas. Um tipo que só se ri para ela e para a cadela deles, *Daisy*.

À frente deles, a irmã da Pippa, Hazel — inteligente, engraçada, ferozmente leal e inclusiva, que relutantemente se apaixonou pelo Rory, que pode normalmente ser encontrado a suspirar no ouvido dela, como está a fazer agora. Ou a fazer tatuagens para ela, quando está bêbado.

O Hayden interrompe as brincadeiras com o Luca e senta-se no colo

da sua noiva. Depois de terminar uma relação umas épocas atrás, a Darcy Andersen, agora com cabelo cor de lavanda, pensou que o seu melhor amigo Hayden seria ótimo para ser o seu braço-direito e ajudá-la a namorar com outra pessoa — como se ele não tivesse um fraquinho por ela desde o dia em que se conheceram na universidade, anos antes.

Em três curtos anos, o meu bar tornou-se a sua terceira casa. Têm o seu lar, têm o trabalho e têm o *Filthy Flamingo*. Celebram aqui os seus aniversários. O Hayden e a Darcy fizeram aqui a festa de noivado. A Pippa tocou neste pequeno palco antes de ser famosa, antes de sequer saber do que era capaz.

Aqui, as pessoas apaixonam-se. Aproximam-se e formam pares, olhando nos olhos uns dos outros enquanto sonham com o seu futuro juntos.

A Georgia suspira com a expressão encantada e feliz de alguém perdida-mente apaixonada. De alguém que sente que pertence.

— Encontrámos uma família incrível, não foi?

Sinto uma forte pontada no coração. Adoro estas pessoas, mas não sou uma delas. Não é suposto ser, e está tudo bem — não preciso de ninguém, nem de nada. Não sou como era a minha mãe, radiante e comunicativa.

Como em tantas outras vezes desde que abri este bar há quatro anos, os meus dedos procuram o autocolante por baixo do balcão, algo que eu coleí ali no dia em que abri portas. Uma raposa dos desenhos animados. As bordas descolaram há muito tempo, por isso pus uma camada de fita-cola por cima, e as suas saliências suaves acalmam-me.

A minha mãe adorava raposas porque ela dizia que representavam *transformação*. Dez anos depois, tenho tão pouco dela, exceto o seu velho gira-discos, os seus discos, e as minhas memórias.

Espertas, adaptáveis e resilientes, era o que ela sempre dizia acerca das raposas. *Curiosas e observadoras. Muito tímidas, mas está tudo bem. Serem solitárias é uma forma de se protegerem.*

Como eu. Eu sou a silenciosa. A que está em segundo plano, do lado de fora, olhando para dentro. Fui feita para ficar sozinha.

No entanto, isso não quer dizer que não possa desfrutar de momentos como este. Rodeada de calor humano e felicidade.

Às vezes não sabes que estás a passar pelos teus melhores momentos até eles já terem passado. Outra coisa que a Natalie Hathaway dizia a toda a hora. Agarro na máquina fotográfica instantânea que tenho por baixo do balcão e tiro uma foto à Georgia. O *flash* dispara, e ela faz-me um olhar surpreso enquanto a máquina expele a foto.

Um dia, estas pessoas vão deixar para trás os seus anos de bares. Todas

terão filhos, ou cansar-se-ão das noitadas, e as celebrações no *Filthy Flamingo* vão acabar. Um novo grupo vai chegar com as suas grandes gargalhadas e sorrisos, e piadas privadas.

E eu ainda estarei aqui.

— Só queria captar o momento — digo à Georgia, encolhendo os ombros e fixando a fotografia ao lado das outras, na parede atrás, por detrás das garrafas de bebidas alcoólicas.

Ela faz-me um sorriso compreensivo.

— Deixo-te fazer o que tens a fazer.

Ela volta para o grupo, o Alexei desliza o braço em redor da sua cintura, e o grupo fica completo outra vez. Todos estão exatamente onde é suposto estarem. Eles ali, e eu aqui atrás.

Mais tarde, abro a porta das traseiras para pôr o lixo na rua e algo passa à frente dos meus pés.

— Jesus Cristo!

Ouço um som baixo, rouco, de *gremlin*, e olho à minha volta.

Está sentado no chão, a fitar-me, com o rabo a abanar no beco escuro.

Os seus olhos são demasiado grandes e estão demasiado juntos. Não tem nariz. Não, esperem, tem, só que é mesmo pequenino. Por isso é que a respiração parece um ressonar. Tem uma desgraçada mandíbula que não encaixa, com a língua pendurada no meio dos dentes de baixo. Até o seu pelo preto está... empastado? Gorduroso, como se se tivesse enrolado em algo no lixo.

Se for um gato, é o felino mais feio que já vi. Parece um projeto mal colado de uma criança de três anos na creche.

Produz um som que parece uma versão distorcida de um miado.

E é magrinho. Demasiado magrinho. Tem coleira? Inclino-me para ver, e ele sopra-me, com os seus olhos tortos, maus e defensivos. Levanto as mãos em rendição.

— Estou a tentar ajudar-te, não precisas de ser parvo.

Como se estivesse ofendido, vai-se embora.

— Nem sequer gosto de gatos, de qualquer modo — digo na sua direção.

De volta ao interior do bar, retiro copos vazios, faço bebidas, mantenho o bar arrumado, mas aquele gato horroroso continua a vir-me à cabeça. Tenho a certeza de que ela está ótima sozinha. Ela? Sim, ela. Tem de ser uma ela, com aquela atitude.

Olho na direção do corredor que leva à porta das traseiras.

E se ela não estiver bem? Parecia pequena. Talvez seja mesmo novinha. Uma espiral de preocupação rodopia no meu peito. É janeiro em Vancouver, está frio e húmido.

E ela está a comer lixo. Não é bom. Pode ficar doente.

Passados uns minutos, coloco um prato com ovos aquecidos no chão. Não vejo a gata em lado nenhum. Talvez ela volte. Talvez esteja a observar-me agora.

— Olá — diz uma voz masculina, grave e divertida, e eu dou um salto.

O Tate encosta-se na ombreira da porta com um olhar curioso. A minha mão pousa no meu coração acelerado.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Ainda tensa, percebo.

Sinto um arrepio na nuca.

— Estavas à espreita.

— Estava à espera. — Olha para o prato de ovos. — Para quem é aquilo?

Não quero dizer-lhe. Não quero que ele saiba nada sobre mim.

— Uma doninha? — atira.

Faço uma careta.

— Todos sabem que não devemos alimentar os pandas do lixo. Era um gato. — Estou grata que esteja escuro cá fora, para que ele não veja a minha cara a ruborizar.

— Duas vezes num dia? — pergunto. Vamos desviar a atenção de mim. — O que se passa, não te fartaste de mim?

Os seus olhos descem até à minha boca, e o meu estômago dá uma cambalhota. Isto pareceu-me mais sugestivo do que era a minha intenção. Estaria a pisar a linha do *flirt* se eu fosse o tipo de pessoa que gostasse de namoriscar.

Ele força-se a olhar-me nos olhos.

— Tem que ver com a tua brilhante personalidade, suponho. — Uma pausa. — Gostava de falar contigo.

— Estou ocupada. — Passo à frente dele, mas ele detém-me.

— Bem, eu dei-me ao trabalho de vir aqui para falar contigo, Jordan, por isso talvez possas reservar-me trinta segundos.

Ui. Aí vamos nós. Mais uma escorregadela do seu exterior controlado. Ponto para a Jordan. Satisfação expande-se dentro de mim.

Ele passa uma mão pelo seu espesso cabelo.

— O Ross vai vender a equipa.

O ar desaparece dos meus pulmões, sugado de mim. Olho para ele

incrédula, e os sons da cidade, as buzinas e sirenes, e a música dos outros bares e restaurantes na vizinhança desvanecem-se.

— Como é que tu... não. — Ele está enganado. — Ele não vende. Ele adora a equipa.

A vida inteira do meu pai foram os Vancouver Storm. Quando foi jogador, quando foi treinador, e agora como dono. Nada, nem eu ou a minha mãe, alguma vez teve tanta importância como a equipa dele.

— Não acredito em ti. — Suspiro com a cabeça às voltas.

No entanto, acredito. O Tate Ward não mente. Não acho que ele tenha essa capacidade.

Ele suspira, observando-me.

— Sabes o que significa um novo dono, certo?

— Mudança.

Trazem as suas próprias filosofias, o seu próprio estilo de gestão, as suas próprias pessoas. Fazem grandes mudanças para demonstrar o seu valor, ou até mesmo só para serem comentados nos *media*.

Olho para trás do Tate, para dentro do bar, onde todos celebram. Todos têm os empregos e famílias aqui. Vancouver é a casa deles.

Um novo dono significa trocas. O Jamie, o Rory, o Hayden, todos no auge da carreira. São estrelas altamente valiosas. Estão no topo da liga.

Um nó frio e duro forma-se no fundo do meu estômago.

— Um novo dono poderia arruinar tudo — sussurro.

Não posso perder estas pessoas, não posso deixar que as suas vidas sejam despedaçadas. Não posso deixar que fiquem uns sem os outros. É a razão pela qual eu não devia afeiçoar-me, porque agora importo-me.

Agora tenho de os ver partir. Sabia que aconteceria um dia, mas, no entanto, não estou preparada. É demasiado cedo.

Não estou preparada para que os nossos melhores dias terminem já.

— Sabes o que tens de fazer, certo? — O Tate baixa a cabeça para ver os meus olhos, e eu fico surpreendida pela intensidade do seu olhar.

Recuo.

— O que é que *eu* vou fazer? Tu é que és amiguinho do Ross.

— Ele não está interessado no que eu tenho para dizer. Poderá na verdade escutar-te a ti. — Passa à minha frente, e começa a caminhar pela ruela.

— O que é que é suposto eu dizer? — pergunto-lhe de longe.

— Hás de lembrar-te de alguma coisa — diz ele, sem olhar para trás. — Acredito em ti.

Fico a fitá-lo, com a cabeça às voltas, baralhada, segurando o destino dos Vancouver Storm nas minhas mãos.

Antes de entrar novamente no bar, olho para o prato.

Está vazio.

Capítulo 4

Jordan

Depois de todos terem saído e eu ter trancado a porta, deixo outro prato com ovos no chão da ruela.

Este plano é arriscado, perigoso, e estúpido — mas vou fazê-lo de qualquer forma.

— Toma, gatinha feia — sussurro, recuando, com uma caixa de cartão na mão.

Ela aparece, e eu estremeço. É mesmo horrenda. Os seus olhos são esbugalhados, meio tortos. Enfia o focinho nos ovos, comendo espalhafatosamente.

Agora é altura de agir.

— Ahah! — Alcanço-a com a caixa, mas ou eu sou muito lenta ou ela está demasiado acostumada a proteger-se, porque dá um guincho horroroso, e tudo o que vejo é pelo, olhos e garras, antes de sentir uma dor ardente no meu pulso e ela desaparecer.

Na penumbra da ruela, consigo ver o arranhão vermelho. Aquela gata assanhada fez-me sangrar.

Um momento depois, reaparece na luz da rua, com os olhos em mim, com a linguazinha estúpida pendurada e o pelo levantado.

Avanço com a caixa na sua direção, e ela dá um passo atrás.

Estamos num impasse, a olhar uma para a outra.

— Vais ser comida por um coioote. És o lanchinho perfeito.

Olha para mim, e eu fico exasperada. Ela não vem comigo. Vamos estar aqui a noite toda. Não sei o que fazer. Não posso deixá-la sozinha.

— Queres ficar aqui? Tudo bem.

Atiro a caixa ao chão e cruzo os braços. Olha para mim, antes de ir pé ante pé até à caixa, entra nela e enrola-se como se fosse uma bola.

Ena.

— A sério?

Abre um dos olhos esquisitos, e enfia a cabeça no pelo sujo. Antes que ela mude de ideias, fecho a caixa e apanho-a.

Ela esperneia e solta um miado irritado.

— Vá lá, gata do lixo. Vou levar-te para minha casa.

Capítulo 5

Tate

Estou na varanda com a Bea, procurando estrelas cadentes, quando ela se vira para mim, com o seu pequeno nariz rosado por causa do frio.

— Pai?

Afasto do meu pensamento a *bartender* antissocial de olhos azul-escuros.

— Sim, querida?

Será que a Jordan vai falar com o pai? Não sei o que mais fazer. Se o Ross quiser vender a equipa, não há nada que possa ser feito.

No entanto, pode ser que lhe dê ouvidos.

Uma ruga de preocupação forma-se no rosto da Bea.

— Vais morrer sozinho?

De repente a minha filha tem a minha atenção plena.

— Não?

Ela olha para o céu escuro, com o rosto ainda franzido.

— Oh.

Nem sequer... o quê?

— Porque é que perguntas?

— Ouvi a mãe dizer ao Jeff que ias morrer sozinho.

Sorriso, reprimindo um suspiro. A Holly e o marido dela, Jeff, estão profundamente apaixonados e acreditam que toda a gente também deveria estar, até mesmo aqueles que não têm tempo ou energia para encontros românticos.

— Não te vou deixar morrer sozinho, pai. — Ela faz-me um olhar preocupado. — Vou estar contigo. Vou segurar na tua mão quando deixares de respirar.

Isto está a tornar-se mórbido.

— Bee, eu não vou morrer sozinho.

Baseada no quão inexistente tem sido a minha vida romântica desde que a Bea entrou na minha vida, sim, é provável que morra sozinho.

A boca dela inclina-se para o lado.

— Mas tu não tens ninguém.

— Tenho-te a ti, e tenho a equipa de hóquei. — Faça-lhe um olhar tranquilizador. — Muitas pessoas são muito felizes sem uma relação romântica. E eu prefiro passar o meu tempo livre contigo.

Com o meu calendário exigente durante a temporada de hóquei, já sinto culpa suficiente por não estar perto da Bea. Estes anos são formativos para ela, e não me posso dar ao luxo de abdicar de mais nenhum do meu tempo com ela.

No entanto, se a equipa mudar de donos, terei muito tempo de sobra.

— Que constelações consegues ver? — pergunto-lhe, mudando de assunto.

Ela encolhe os ombros.

— Vês a Ursa Maior? — pergunto.

— Essa é fácil.

Rio-me.

— Tens algumas festas de aniversário da escola brevemente?

A Bea não tem muitos amigos, algo de que eu, a Holly e o Jeff já falámos, com preocupação. Passa muito tempo sozinha, a ler.

Faz um som evasivo.

— Não. — Uma pausa. — Se tu tivesses uma namorada, ela seria simpática?

A minha tentativa de a distrair não resultou.

— Querida, não vou arranjar uma namorada tão cedo.

— Mas seria simpática?

A Jordan Hathaway vem ao meu pensamento, com uma expressão distante e língua afiada. De cada vez que penso nela a desenrolar o rolo de papel higiénico para eu autografar, dá-me vontade de rir. Mesmo assim, seria o tipo de pessoa que eu nunca traria para casa para estar com a Bea.

— Claro que seria simpática. Nunca estaria com uma pessoa que não fosse simpática.

Como é que seria ter uma pessoa com quem partilhar a minha vida? Haver uma terceira pessoa quando eu estou com a Bea? Nem consigo imaginar.

Além disso, não vou correr o risco de a Bea se afeiçoar a alguém e depois lhe partirem o coração. Vi o meu pai fazer isso à minha mãe e ao Noah muitas vezes, e preferia morrer a deixar alguém magoar a Bea.

— Alguma vez estiveste apaixonado? — pergunta.

Boa, então ainda estamos neste tópico.

— Amo-te a *ti* — digo-lhe, e ela faz uma careta. — Isso conta?

— Não — diz ela com um tom seco, e eu viro-me de costas para que ela não me veja a sorrir.

— Tens algum fraquinho por alguém na escola, Bea?

— Isto é sobre ti — diz ela com as sobranceiras levantadas, e agora estou mesmo a sorrir. — E não, não tenho. A mãe diz que nunca fazes nada por ti próprio.

O meu sorriso desvanece-se. Sou uma pessoa ocupada, claro. Mas tenho uma filha espantosa, a carreira dos meus sonhos, uma bela casa na floresta, e dinheiro suficiente para cuidar da Bea para o resto da vida dela. Não preciso de mais nada nem de mais ninguém.

Uma vez mais, os meus pensamentos devaneiam para o que o Ross me disse. Para a minha conversa com a Jordan. Se os Storm forem adquiridos por um novo dono, a minha vida ficará com um enorme vazio.

— Faço muitas coisas por mim próprio — digo-lhe. — Vou ao ginásio todas as manhãs. Como piza contigo nas sextas-feiras à noite em que não temos jogo. Eu... — Não consigo lembrar-me de mais nada. — Como os teus doces de Halloween quando não estás a ver.

— Essa é minha — diz ela a sorrir.

Ponho o braço à volta dos ombros dela, puxando-a para mim.

— Precisas de aprender a partilhar, Bee. E os doces são maus para os teus dentes. É melhor deixares-me comê-los todos.

Ela ri-se.

— Não.

Pressiono um beijo no topo da sua cabeça.

— Tenho a filha mais esperta, mais engraçada, mais amável e mais maravilhosa. Adoro ser treinador de hóquei. Adoro a minha equipa. Tenho tudo o que preciso. — Sorrio para ela, com o coração apertado de tão adorável que ela é, com os seus olhos grandes, nariz e maçãs do rosto rosadas, e o cabelo escuro espetado por baixo do seu gorro de malha. — Amo-te mais do que qualquer outra coisa no mundo, e sou, muito, muito feliz. *Okay?*

Ela acena com a cabeça, aparentemente satisfeita.

— *Okay.*

— *Okay*. O que queres para o jantar? Piza?

— Comemos isso ontem à noite.

— Que tal comermos doces ao jantar e piza para sobremesa?

Ela ri-se outra vez.

— Isso é ao contrário.

Olhamos para o céu até a Bea ficar com fome, e quando estamos a ir para dentro, vejo uma estrela cadente.

No entanto, não formulo nenhum desejo. Tudo o que eu preciso está aqui mesmo.

Capítulo 6

Jordan

— Não posso deixá-la subir para ver o Sr. Sheridan sem marcação. Passei o fim de semana todo a pensar no que o Ward disse, a fazer uma lista das minhas opções e a rever mentalmente a conversa.

Pela primeira vez numa década, vou falar com o meu pai. Contudo, a rececionista do estádio nem sequer considera deixar-me subir.

— Sou a filha dele.

Ela faz-me um olhar amável e pesaroso.

— Talvez lhe possa telefonar, então?

Ela não acredita em mim, uma situação que eu própria criei. Quando tinha vinte anos, mudei o meu apelido para Hathaway, como a minha mãe. Eles tinham-me criado fora dos holofotes. Apenas o Ward, a Georgia, e provavelmente agora o Alexei sabem que o patrão deles é o meu pai.

— Ela está comigo — diz uma voz grave, indesejada, atrás de mim.

O sorriso da rececionista torna-se acolhedor e embevecido, como se estivesse enfeitiçada.

— Bom dia, treinador.

— Bom dia, Dana. — Consigo sentir o cheiro do seu gel de banho, ou detergente da roupa ou outra coisa limpa e fresca. Muito masculina.

— Pode dizer ao Ross que estamos a subir, por favor?

— Claro. — Pega no telemóvel sem uma palavra, porque quando o Tate diz para saltar, não se discute, pergunta-se a que altura.

Passa o seu cartão e as barreiras abrem.

— Vamos, Jordan.

Como uma criança, sigo-o.

Carrega no botão para o último andar, onde é o gabinete do meu pai.

— Apareceste mesmo.

— Não vou deixar que algo de mal aconteça aos meus amigos. — Há uma determinação na minha voz que me surpreende.

O Tate olha para baixo, na minha direção. Alto, tão alto. Desvio os olhos, mas ainda assim consigo sentir o seu olhar em mim. Em que é que ele está a pensar? O momento prolonga-se, e este elevador parece o mais lento do mundo, até que caio na realidade: estou prestes a falar com o meu pai, depois de dez anos.

O meu estômago está às voltas. Fecho os olhos e inspiro profundamente.

— Estás bem? — pergunta o Tate, e sei que ele está a olhar para mim, por isso mantenho uma expressão neutra.

— Claro. — Mantenho os olhos fechados. — Estou ótima.

— Sabes o que estás a fazer?

— Sim. — Não. Nem de longe. Passo os dedos pelo meu rabo de cavalo (um hábito nervoso), mas a mão grande e quente do Tate agarra-me no pulso e segura-o para o observar.

— O que aconteceu? — pergunta, enrugando a cara com alarme.

Oh. O arranhão. Tenho outro bem grande no outro braço de tentar metê-la dentro da mala de transporte para a levar ao veterinário, no sábado de manhã.

— Nada. — Encolho o pulso, puxando a manga do casaco para baixo, tapando-o.

A boa notícia: de alguma forma, ela está de perfeita saúde. A má notícia: continua a ser uma gata assanhada e bufa-me de cada vez que entro na mesma divisão que ela.

O elevador indica a chegada ao último andar e as portas abrem. Como um cavalheiro perfeito, o Tate espera que eu saia primeiro.

A porta do meu pai está aberta, mas como as paredes do seu gabinete são de vidro, consigo vê-lo sentado à secretária, olhando através da janela, perdido nos seus pensamentos.

Parece solitário, sentado sozinho, e uma emoção invade-me. A minha motivação falha-me. O que é que estou a fazer? Todos os meus instintos me dizem para me afastar deste homem que me deixou quando eu mais precisei dele.

— Bom dia, Ross — diz o Tate, sentando-se à frente da secretária do meu pai.

— Tate. — O meu pai acena-lhe com a cabeça, com os seus olhos em mim o tempo todo, uma mistura de emoções no seu rosto. Surpresa, incredulidade, e algo mais suave. Como se tivesse sentido a minha falta.

O meu coração aperta-se, mas ignoro-o.

— Olá, Jordan — diz num tom baixo. Não parece surpreendido por me ver.

— Olá, Ross. — Sou toda negócios. Viro-me para o Tate e olho fixamente para a porta. — Obrigada. A partir de agora, trato eu do assunto.

Ele permanece sentado na cadeira.

— Prefiro ficar, se não te importares.

Uma pontada de medo percorre-me perante a ideia de ele me ver espalhar-me ao comprido. É a última pessoa que eu gostaria que testemunhasse a minha rejeição.

— Por mim tudo bem. Olá, Ross. — Já tinha dito isto. A minha pulsação acelera e os meus pensamentos estão dispersos. As minhas mãos brincam uma com a outra, e eu forço-as a afastarem-se.

Ele faz-me um pequeno sorriso.

— Olá, Jordan.

Parece mais velho. Mais cabelos brancos e mais rugas no seu rosto, mas também se nota no olhar. Menos brilho, menos intensidade. Não falo com o meu pai e não preciso dele, mas ele envelhecer parte-me um pouco o coração.

No entanto, estou aqui com um propósito.

— Não podes vender a equipa.

O Tate solta um som grave e divertido.

— Não perdes tempo, pois não? Subtil como um martelo pneumático.

Ignoro-o.

— Tu adoras esta equipa — digo ao meu pai. — É tudo para ti. Não vendas a equipa.

Os olhos dele observam-me com uma expressão que não consigo decifrar. O meu pai sempre foi excelente a esconder as suas emoções.

— É altura de eu seguir em frente, e esta equipa não é tudo para mim.

Magoa estupidamente, agora, perceber que ele preferiu a equipa a mim, uma e outra vez. Nunca foi aos meus eventos na escola, porque estava a jogar, ou a treinar. Nas férias era só eu e a minha mãe. Mesmo quando se mantinha connosco, não estava presente. Estava no rinquê, no balneário, no escritório, a pensar na equipa.

O funeral da minha mãe foi só a gota de água.

Respiro profundamente para ganhar coragem.

— Então, vamos fazer um acordo.

Interesse emerge nos olhos do meu pai, e de repente ele já não parece tão velho.

— Estou a ouvir.

— O que é que tu queres? Almoços semanais? Jantares? Queres que eu aceite finalmente dinheiro teu? O que queres?

Os cheques costumavam chegar todos os meses, e talvez eu seja uma completa idiota, porque moro no apartamento mais reles de Vancouver e mal consigo pagar as contas com o bar, mas rasguei-os todos. Não queria o seu dinheiro de sentimento de culpa. Não queria nada que viesse dele.

O meu pai inclina a cabeça, estudando-me. Poderia recusar. Tem tentado fazer as pazes desde há uma década, e eu tenho-o ignorado.

Ele não vai recusar, rezo.

O Tate observa com o rosto franzido. Os nossos olhares cruzam-se antes de ele olhar novamente para o meu pai.

O Ross ajeita-se na cadeira, com os braços cruzados, e reclina-se para trás.

— Quero que trabalhes para a equipa.

O gabinete fica em silêncio.

— O quê? — pergunto, estupidamente.

— Ross. — O tom do Tate é de alerta. — Achas que é prudente?

Ui. No entanto, tem razão.

O meu pai sorri como se não estivesse a ouvir, e o olhar dele está em duas fotos na parede. Uma dele quando era jogador dos Storm, levantando a taça. A outra dele enquanto treinador, olhando para o Tate a segurar na taça com um grande sorriso.

— Trabalhas para a equipa — diz o meu pai, virando-se para mim —, ganhas a Taça Stanley, e a equipa é tua, Jordan.

Faço um som de incredulidade. Isto é um sonho marado.

— Eu... — Pestanejo rapidamente. Não pode estar a falar a sério... — Eu trabalho num bar.

— Ross, devíamos falar sobre isto — diz o Tate.

— És dona de um negócio. — Os olhos do meu pai permanecem em mim. — Com um mestrado em Psicologia do Desporto.

Porém, não tenho um mestrado. Desisti a mais ou menos um mês da conclusão porque tinha uma ideia errada de onde pertencia, e tinha o meu coraçãozinho estúpido partido em pedacinhos.

O Tate vira-se para olhar para mim, com surpresa, e, meu Deus, satisfaz-me surpreendê-lo assim.

O olhar do meu pai anima-se. Há vida nos olhos dele, outra vez. Um brilho que não estava lá quando entrei.

— Ela nem sequer gosta de hóquei — acrescenta o Tate. — Mal tolera os rapazes. Não seria o tipo de pessoa que eu colocaria na gestão da equipa.

A minha garganta aperta-se. Essa é a imagem que apresento ao mundo propositadamente, e, no entanto, não é uma sensação fantástica ouvi-lo a indicá-lo assim.

— Nós *não* precisamos dela para ganhar a Taça Stanley, Ross. Podemos fazer tudo sozinhos.

Ele está certo quanto a isso, pelo menos.

— Como é que é suposto *eu* fazer-te ganhar uma taça? — pergunto ao meu pai. — Servindo bebidas? Conduzindo o *Zamboni*?

— É preciso um curso de vinte e quatro horas para conduzir um *Zamboni* — diz o meu pai, e não consigo perceber se ele está ou não a brincar.

O Tate fica em silêncio, com os braços cruzados sobre o peito, mas é claro, pela sua expressão, que ele está desagradado com tudo isto.

— Tu cresceste no meio do hóquei — diz-me o meu pai. — Especializaste-te em relações internas nas equipas desportivas. — Como é que ele sabe disso? — Trabalhaste com a equipa feminina da UBC depois de o Tate sair — como é que ele sabe *isto*? Ignoro a maneira como a cabeça do Tate se vira repentinamente para mim com surpresa —, e as tuas descobertas levaram à vitória delas nos campeonatos da divisão.

Pelo canto do olho, consigo ver o Tate a observar-me. Consigo sentir o seu olhar na minha pele.

— A equipa ganhou porque eu me vim embora — insisto. — Estavam melhor sem mim. Tal como os Storm vão ficar.

Detesto ter de mencionar o que se passou na UBC, mas não posso deixá-los pensar que estou apta para o trabalho quando não estou mesmo, mesmo nada.

— É pegar ou largar — diz o meu pai, como se fosse inegociável. — Já tenho uma mão-cheia de compradores interessados. Tenho-me dedicado a encontrar o mais adequado, mas o que o novo dono decidir fazer quando assumir as funções já não estará nas minhas mãos.

Ora aí está. A mudança vai acontecer, a menos que eu me junte aos Storm.

As inseguranças das quais eu passei anos a fugir — de que não sou suficiente, de que nunca, *nunca* pertencerei a este mundo — aceleram na minha direção, tão estrondosa e explosivamente que não as consigo ignorar.

Esta ideia é terrível.

— Quero que participes no funcionamento da equipa. — O meu pai vê-me como um dos seus treinadores ou jogadores. — Quero ver-te deixar a tua marca na organização.

Sou tão pouco qualificada, que nem sequer tem graça.

— Eu não quero ser dona de uma equipa de hóquei. — Nem acredito que acabei de dizer isto em voz alta.

— Bem, quando chegar a altura, decides o que é que queres fazer com ela. — O Ross olha para a moldura em cima da secretária, mas não consigo ver a imagem porque está de costas para mim. — Comprei esta equipa para que um dia fosses tu a assumir o comando, e mesmo que nunca mais me fales depois de as eliminatórias terminarem, vou fazer tudo o que puder para ver o futuro que visionei.

Que escolha é que eu tenho? Mesmo que venha a ser a coisa mais estúpida que já fiz, preciso de ajudar os meus amigos.

Tento respirar profundamente, mas os meus pulmões encolheram para metade.

— Eu aceito.

— Ótimo. — O meu pai sabe sorrir. — Que bom. Começas amanhã, a acompanhar o Tate.

— O *quê*? — digo eu e o Tate em uníssono antes de nos virarmos para olhar um para o outro.

Não. Não, por favor, não.

— Tate — o meu pai vira-se para o homem ao meu lado —, confio em ti para guiares e ensinares a Jordan o melhor que puderes. Como farias com qualquer pessoa nesta posição.

O Tate fita-o por um longo momento, antes de fazer aquela expressão educada e neutra que eu detesto tanto.

Acena com a cabeça, sem olhar para mim.

— Entendido.

Detesta-me, e, no entanto, aqui está ele, a concordar em orientar-me.

O meu pai faz-me um sorriso afável.

— Bem-vinda aos Vancouver Storm, Jordan.